

Sermão 1

NOTAS INTRODUTÓRIAS

ESTE sermão foi pregado por Wesley perante a Universidade de Oxford, em 11 de junho de 1738, dezoito dias depois da experiência consciente de sua nova vida. Consiste ele de três partes: definição da fé, definição da salvação e resposta às objeções.

Desde muitos anos Wesley procurava a salvação mediante às obras da lei. Mesmo tendo chegado a ponto de estabelecer sua própria justiça pela oração, jejuns e boas obras, não encontrou, entretanto, a pérola de grande preço. Finalmente foi ele convencido por Peter Böhler, o morávio, de que a salvação vem pela fé — e vem quando a alma põe sua confiança em Cristo, o Salvador. Como este sermão foi o resultado imediato de sua conversão, é oportuno relatar a experiência do pregador, servindo-nos, para tanto, de suas próprias palavras:

“No dia seguinte, pois, ele (Peter Böhler), veio outra vez, com três outros, e todos testificaram sua experiência pessoal, unânimes no sentido de ser a verdadeira e viva fé em Cristo inseparável do sentimento de perdão de todos os pecados passados e de libertação de todos os pecados presentes. Aduziram a uma só voz, que essa fé é um dom, um livre dom de Deus; e que Ele certamente o concederia a toda alma que profunda e perseverantemente o buscasse. Eu não estava perfeitamente convencido, mas pela graça de Deus resolvi buscar esse dom até o fim, primeiro — renunciando, em absoluto, a toda dependência, total ou parcial, de *minhas próprias* obras ou justiça, nas quais havia realmente fundado minha esperança de salvação, embora não a conhecesse desde a mocidade; segundo — acrescentando ao uso constante de todos os outros meios de graça, a súplica insistente por esse objetivo, isto é, pela justificação, graça salvadora e plena confiança no sangue de Cristo derramado por *mim*, confiança posta nele como *meu* Cristo, *minha* única justificação, santificação e redenção.

Continuei assim a buscá-lo (embora com estranha indiferença, negligência, frieza e desusadas e freqüentes recaídas em pecado), até quarta-feira, 24 de maio. Penso que era cerca de cinco horas da manhã quando abri meu Testamento nestas palavras: *τι μεγαιστα ημιν και τιμια επαγγελματα δεδωρηται, ινα γενησθε θειας κοινωνοι φυσεως*: “Foram-nos dadas excessivamente grandes e preciosas promessas, de que seremos participantes da natureza divina”. (2Pd 1.4). Quando estava a sair, abri outra vez o livro nestas palavras: “Não estás longe do reino de Deus”. À tarde me pediram fosse à igreja de S. Paulo. A antifona era: “Das profundezas te clamei, ó Senhor; Senhor, ouve minha voz. Oh! que teus ouvidos considerem bem a voz do meu clamor. Se tu, Senhor, fores ao extremo de notar o que é feito perversamente, ó Senhor, quem subsistirá em tua presença? Porque em ti há misericórdia; por isso tu serás temido. Ó Israel, confia no Senhor; porque no Senhor há misericórdia, e nele a salvação é abundante. E ele redimirá a Israel de todos os seus pecados”. Pela tardinha fui de muito má vontade a uma sociedade à rua Aldersgate, onde alguém estava lendo o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Cerca de um quarto para as nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus opera no coração através da fé em Cristo, senti meu coração aquecido de maneira estranha. Senti e confiei em Cristo, Cristo só, para a salvação; e foi-me dada a segurança de que Ele havia tirado *meus* pecados, salvando-me da lei do pecado e da morte”.

Foi assim que Wesley subiu degrau a degrau, até alcançar a grande bênção da consciência do perdão. O Espírito Santo selou a verdade em seu coração, e debaixo dessa santa influência ele se entregou totalmente ao Senhor, por um ato de fé no Salvador dos homens. Então Wesley se tornou habilitado a dizer: “Seu sangue foi derramado por *mim*; Ele é *meu* Salvador”. Como ele descreve essa fé no sermão seguinte, assim também descreve a salvação que a acompanha. A consciência da salvação do pecado é ilustrada, por sua própria experiência:

“Após meu regresso à casa, fui muito perseguido por tentações; mas, louvando em voz alta, elas fugiam; voltaram repetidamente, e repetidamente levantei os olhos, sempre verificando que Ele “mandou-me auxílio de seu santo lugar”. Nisto achei em que principalmente consistia a diferença entre este meu estado e o estado primitivo. Estava lutando, sim, e combatendo com todas as minhas forças, tanto debaixo da lei como debaixo da graça. Mas então eu era algumas vezes, senão frequentemente, derrotado; agora, sempre saía vencedor”.

Cinco dias depois, escreve ele: “Tenho constante paz, nenhum pensamento inquietante; e sou livre do pecado; nenhum desejo ímpio entretenho”. Dois dias após, acrescenta: “Ainda na quarta-feira afligi o Espírito de Deus, não somente deixando de velar em oração, mas falando com aspereza, em lugar de terno amor, de alguém que não se encontrava bem seguro na fé. Imediatamente Deus ocultou sua face e fui conturbado, e nessa aflição continuei até a manhã seguinte, 1º de junho, quando foi do agrado de Deus confortar minha alma, no momento em que exortava a uma pessoa”.

ESBOÇO DO SERMÃO 1

A graça é a fonte de todas as bênçãos conferidas ao homem e, dada a condição deste, oriunda da queda, sua salvação decorre proeminentemente daquela mesma fonte. A fé é a condição da salvação.

I. Qual é a fé mediante a qual somos salvos?

1. Não é meramente a fé dos pagãos, posta em Deus como governador moral.
2. Não é a fé intelectual do demônio.
3. Não é apenas a fé dos Apóstolos, antes da ressurreição.
4. Mas a fé em Cristo, de coração; fé na propiciação.
5. Entretanto, a fé cristã não é apenas assentimento ao Evangelho de Cristo em conjunto, mas também plena confiança no sangue de Cristo; confiança nos méritos de sua vida, morte e ressurreição; descanso nele como nossa propiciação e nossa vida, *dada por nós e vivendo em nós*. É a confiança segura que o homem tem em Deus, de que, através dos méritos de Cristo, *seus* pecados são perdoados e *ele* é restaurado no favor de Deus: em consequência disto, passa a estar unido a Ele, ligado a Ele como nossa “sabedoria, justiça, santificação e redenção”, ou, numa palavra, nossa Salvação.

II. Qual é a salvação mediante a fé?

1. Uma salvação presente.
2. Do pecado.
3. Da culpa.
4. Do temor.
5. Do poder do pecado. Aquele que é nascido de Deus não comete pecado habitual, nem pecado voluntário, nem por mau desejo, nem por fraqueza.

III. Resposta às objeções.

1. A salvação pela fé não é oposta às boas obras, porque?
2. Não rebaixa alei de Deus até os limites da fraqueza humana, mas assegura seu verdadeiro cumprimento espiritual.
3. Não leva ao orgulho, porque exclui a jactância.
4. Não incita ao pecado, uma vez que a bondade de Deus levará todos os sinceros ao arrependimento.
5. Conduz à desesperança somente de nós mesmos, para que encontremos salvação em Cristo.
6. É a doutrina do verdadeiro conforto.
7. É a doutrina de fundo escriturístico. É o antídoto eficaz contra o Romanismo.
8. É o verdadeiro segredo da força do Protestantismo.

Sermão 1

A SALVAÇÃO PELA FÉ

“Pela graça sois salvos mediante a fé”.

(Efésios 2.8)

1. TODAS as bênçãos que Deus comunica ao homem vêm de sua mera graça, munificência ou favor; de sua livre, imerecida benevolência, representando graça inteiramente espontânea, visto nenhum direito ter o homem à menor clemência por parte da Divindade. Foi a livre graça que “formou o homem do pó da terra e nele soprou a alma vivente”, estampando nessa alma a imagem de Deus e “sujeitando todas as coisas debaixo de seus pés”. A mesma graça chega até nós, neste dia, traduzindo-se em vida, respiração e todas as coisas. Nada do que somos, ou possuímos, ou realizamos, merece o mínimo favor das mãos de Deus. “Todas as nossas obras, ó Deus, tu as operaste em nós”. Assim, elas são outras tantas manifestações de livre misericórdia; e, qualquer que seja a justiça que se encontre no homem, ainda será também uma dádiva de Deus.

2. Com que fará o pecador propiciação pelo menor de seus pecados? Com suas obras? Não. Ainda que estas sejam muitas e sejam santas, não lhe pertencem, mas são de Deus. Na verdade todas essas obras são ímpias e pecaminosas, reclamando nova propiciação. Somente frutos corrompidos pendem de uma árvore corrupta. E o coração do homem é ao mesmo tempo corrupto e abominável, estando “desprovido da glória de Deus” — a justiça gloriosa de início impressa em sua alma, segundo a imagem de seu grande Criador. Assim, pois, nada tendo, nem justiça nem obras, que alegar, seus lábios inteiramente se calam diante de Deus.

3. Se o homem pecaminoso acha, pois, favor à vista de Deus, isto vem a ser “graça sobre graça!” Se Deus ainda concede que desçam sobre nós outras bênçãos e, ademais, a maior de todas, que é a salvação, que, podemos dizer a essas coisas, senão repetir: “Graças sejam dadas a Deus por seu dom inefável!” E assim é. Nisto “Deus recomenda seu amor para conosco, em que, quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu para salvar-nos. “Pela graça”, pois, “sois salvos mediante a fé”. A graça é a fonte; a condição é a fé.

Para não decairmos da graça de Deus, cabe-nos inquirir cuidadosamente:

- I. Qual é a fé mediante a qual somos salvos.
- II. Qual é a salvação que é mediante a fé.
- III. Como podemos responder a certas objeções.

I

Qual é a fé mediante a qual somos salvos?

1. Em primeiro lugar, não é meramente a fé dos pagãos.

Deus exige que o pagão creia que “Deus existe e que é remunerador dos que o buscam”; que essa procura diligente se faça, glorificando-o como a Deus, dando-lhe graças por todas as coisas e praticando cuidadosamente a virtude moral, a justiça, a misericórdia e a verdade para com seus semelhantes. O grego ou o romano, o cita ou o indiano, não teria, portanto, nenhuma desculpa, se não acreditasse suficientemente nisto: o Ser e atributos de Deus, o estado futuro de recompensa ou punição e o caráter obrigatório da virtude moral. Este é simplesmente o credo de um pagão.

2. Não é, também, em segundo lugar, a fé do demônio, embora ela vá muito além da dos pagãos. O demônio crê não somente que há um Deus poderoso e sábio, gracioso no recompensar e justo no punir, mas também crê que Jesus é o Filho de Deus, o Cristo, o Salvador do mundo. Encontramo-lo, de fato, declarando, em termos categóricos: “Bem sei quem és: tu és o Santo de Deus” (Lc 4.34). Nem podemos duvidar de que o infeliz espírito creia em todas as palavras que saíram dos lábios do Santo e mais em quaisquer outras que foram escritas pelos homens santos do passado, acerca de dois dos quais ele fora

compelido àquele glorioso testemunho: “Estes homens são servos do Altíssimo, que vos mostram o caminho da Salvação”. Não é demais, pois, que o grande inimigo de Deus e dos homens creia e, crendo, estremeça, — que Deus se manifestou em carne; que “submeterá todos os inimigos debaixo dos pés”; e que “toda Escritura foi dada por inspiração de Deus”. Até aí vai a fé do demônio.

3. Em terceiro lugar: a fé mediante a qual somos salvos, no sentido em que a Palavra será mais adiante explanada, não é meramente a que nutriam os apóstolos, quando Cristo estava ainda sobre a terra, muito embora nele cressem a ponto “de deixarem tudo para segui-lo”; embora tivessem já nesse tempo o poder de operar milagres, de “curar todas as espécies de doença e toda forma de enfermidade”; embora tivessem “poder e autoridade sobre os demônios”, e, o que vale mais que tudo isso, fossem enviados por seu Mestre a “pregar o Reino de Deus”.

4. Qual é a fé mediante a qual somos salvos? Pode-se responder, de modo geral, que é, primeiro, a fé em Cristo: Cristo e Deus através de Cristo são os próprios fundamentos dessa fé. Nisto se distingue ela suficientemente, absolutamente, da fé, seja dos antigos ou dos modernos pagãos. Da fé que possui o demônio ela se distingue por isto: não é uma coisa meramente especulativa, racional, um assentimento frio e morto, uma série de idéias que se amontoam na cabeça, mas uma disposição do coração. Por isso diz a Escritura: “Com o coração o homem crê para a justiça”; e: “se tu confessares com tua boca o Senhor Jesus, e creres em teu coração que Deus o levantou dentre os mortos, serás salvo”.

5. Nisto ela difere daquela fé que os próprios apóstolos nutriam enquanto nosso Senhor estava na terra: reconhece a necessidade e os méritos de sua morte e o poder de sua ressurreição. Reconhece sua morte como o único meio suficiente de redimir o homem da morte eterna, e sua ressurreição como a restauração de todos nós à vida e imortalidade, tanto mais que ele “foi entregue por nossos pecados e ressurgiu para nossa justificação”. A fé cristã é, portanto, não só um assentimento a todo o Evangelho de Cristo, mas também plena confiança no sangue de Cristo; confiança nos méritos de sua vida, morte e ressurreição; descanso nele como nossa propiciação e nossa vida, — vida divina que foi dada por nós e vive em nós; e, em consequência disto, união com ele, adesão à sua pessoa, coma “nossa sabedoria, justiça, santificação e redenção”, ou, numa palavra, — nossa Salvação.

II

O segundo ponto a ser considerado é:

Qual é a Salvação que é mediante a fé?

1. Primeiro qualquer que seja essa salvação, ela é uma salvação presente. É alguma coisa atingível desde já, atualmente atingível na terra, pelos que são participantes dessa fé. Por isso diz o apóstolo aos crentes de Éfeso e, através destes, aos crentes de todos os tempos: “Vós sois salvos mediante a fé”, e não: “Vós sereis salvos”, embora também seja verdadeira esta última afirmativa.

2. Vós sois salvos (para abranger tudo numa só palavra), do pecado. Esta é a salvação que vem pela fé. Esta é a grande salvação predita pelo anjo, antes que Deus introduzisse no mundo seu primogênito: “... a quem chamarás JESUS, porque ele salvará seu povo de seus pecados”. Nem aqui, nem nas outras partes do Escrito Sagrado, aparece qualquer limitação ou restrição. Todo seu povo, ou, como se diz em outros lugares, “todo o que crê”, Cristo o salvará dos pecados; do pecado original e atual, passado e presente, “da carne e do espírito”. Mediante a fé que há em Cristo, os pecadores são salvos, tanto da culpa como do poder da culpa.

3. Primeiro, da culpa de todos os pecados passados: Porque, conquanto todo o mundo seja culpado diante de Deus, de modo que, se o Senhor quisesse “assinalar que os que cometem erros, ninguém poderia nele permanecer”; e uma vez que “pela lei vem”, somente, “o conhecimento do pecado”, mas não a libertação dele, já que pelo cumprimento “das obras da lei nenhuma carne pode ser justificada à sua vista”, — agora, todavia, “a justiça de Deus, que é pela fé em Jesus Cristo, é manifestada a todo aquele que crê”. “São justificados livremente por sua graça, através da redenção que há em Jesus Cristo”. “A este Deus enviou para ser a propiciação mediante a fé em seu sangue, para declarar sua justiça para (ou pela) remissão dos pecados passados”. Agora, Cristo suprimiu a “maldição da lei, fazendo-se maldição por nós”. “Cancelou o escrito de dívida que era contra nós, levando-o e cravando-o em sua cruz”. “Agora não há, pois, condenação para os que crêem em Cristo Jesus”.

4. Sendo salvos da culpa, os homens são também salvos do temor. Não, em verdade, do filial temor de conceber qualquer ofensa, mas do medo servil que escraviza; do medo, que causa tormento; do medo de punição; do medo da ira de Deus, — desse Deus que eles agora não mais contemplam como um Senhor severo, mas como um Pai indulgente. “Não receberam outra vez o espírito de escravidão, mas o espírito de adoção, pelo qual exclamam: Abba, Pai; testificando também o mesmo Espírito com seu espírito, que eles são filhos de Deus”. São também salvos não da possibilidade, mas do receio de decaírem da graça de Deus e de serem privados das grandes e preciosas promessas. Deste modo “têm paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo”. Regozijam-se na esperança da glória de Deus — e o amor de Deus se derrama abundantemente em seus corações, através do Espírito Santo, que lhes é dado. Pelo Espírito são persuadidos (talvez não em todos os tempos, nem com a mesma plenitude de convicção), de que “nem a morte, nem a vida, nem as coisas presentes, nem as coisas futuras, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura será capaz de os separar do amor de Deus, que, é em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

5. Ainda mais: mediante essa fé, são eles salvos do poder do pecado e, bem assim, da culpa inerente ao pecado. Isto o apóstolo o declara: “Sabemos que ele se manifestou para tirar nossos pecados, e nele não há pecado. O que nele permanece, não peca”. (1Jo 3.5). E em outro lugar: “Filhinhos, que ninguém vos engane. O que comete pecado é do diabo. Quem quer que crê é nascido de Deus. E quem é nascido de Deus não comete pecado; porque sua filiação permanece nele e ele não pode pecar, porque é nascido de Deus”. Ainda mais: “Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; pelo contrário, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o maligno não o segura”. (1Jo 5.18).

6. Aquele que pela fé é nascido de Deus, não peca: (1) Por pecado habitual: porque todo pecado habitual é pecado dominante, — mas o pecado não pode dominar a qualquer que creia; nem (2) por pecado voluntário: porque, enquanto permanece na fé, sua vontade tenazmente se opõe a todo pecado, aborrecendo-o como se fora veneno mortal; nem (3) por qualquer desejo pecaminoso, porque almeja constantemente a santa e perfeita vontade de Deus — e qualquer tendência para o desejo profano ele a sufoca desde o início, pela graça de Deus; nem (4) peca por enfermidade, quer pela prática de qualquer ato, quer por palavra ou pensamento, porque suas fraquezas não têm o concurso da vontade; e, sem tal concurso, não há, propriamente; pecado. Assim, “o que é nascido de Deus não peca”; e, embora não possa dizer que não tenha pecado, certo é que atualmente ele não peca.

7. Esta é, pois; a salvação pela fé, mesmo no mundo presente: salvação do pecado e das conseqüências do pecado expressas com freqüência pela palavra justificação, a qual, tomada em sentido mais lato, implica na libertação da culpa e do castigo, pela propiciação de Cristo atualmente aplicada à alma do pecador, agora crente em Jesus, e libertação do domínio do pecado, mediante o mesmo Senhor, formado em seu coração. Assim, aquele que é justificado, ou salvo pela fé, é, na verdade, nascido de novo. Nasce outra vez do Espírito para uma nova vida, que “está escondida com Cristo em Deus”. Como um recém-nascido, gradualmente recebe o *αδολον*, o “leite racional, sem dolo, da Palavra — e cresce por ele”, subindo de fé em fé, de graça em graça, até chegar, afinal, a “homem perfeito, segundo a medida da estatura da plenitude de Cristo”.

III

A primeira objeção que a este asserto usualmente se faz, é:

1. Que pregar a salvação, ou a justificação, pela fé, somente, é pregar contra a santidade e as boas obras. Á isto se pode dar esta breve resposta: “O reparo seria verdadeiro, se falássemos, como fazem alguns, de uma fé separada da santidade e das boas obras; falamos, porém, da fé que, ao revés, produz todas as boas obras e toda a santidade”.

2. Pode, entretanto, ser de maior utilidade à apresentação de uma resposta mais extensa, principalmente se considerar que a objeção em apreço não é nova, mas remonta aos tempos de S. Paulo. Já naquele tempo perguntava o apóstolo: “Invalidamos a lei pela fé?” Respondemos, primeiro, que todo o que não prega a fé, manifestamente invalida a lei, quer direta e grosseiramente, por limitações e comentários que destroem todo o espírito do texto, quer indiretamente, deixando de apontar o único meio pelo qual é possível dar cumprimento à própria lei. Enquanto que, em segundo lugar, “estabelecemos a lei”, tanto no demonstrar sua plena extensão e seu amplo sentido espiritual, como no apontar a todos aquele caminho de vida, para

que “a justiça da lei neles se possa cumprir”. Os que só confiam no sangue de Cristo usam de todas as ordenanças que ele estabeleceu, fazem todas as “boas obras que ele antes havia preparado para que andassem nelas”, formam e exteriorizam todo o santo e celestial caráter e ainda a própria mente que havia em Cristo Jesus.

3. Mas, a pregação dessa fé não leva os homens ao orgulho? Respondemos que, acidentalmente, isto pode acontecer; entretanto, todo crente verdadeiro deve estar perfeitamente a par da advertência contida nas palavras do grande apóstolo: “Em razão da incredulidade” os primeiros galhos “foram separados; e tu permaneces na fé. Mas não te vanglories, mas teme. Se Deus não poupou os ramos naturais, toma cuidado para que não suceda que ele deixe de poupar-te. Veja, pois, a bondade e severidade de Deus! para os que caíram, severidade; mas, para contigo, bondade, se perseverares em sua bondade; de outro modo, também tu serás desarraigado”. (Rm 3.27). E, enquanto ele prossegue, lembremo-nos das palavras de S. Paulo, prevendo e rebatendo tal objeção: “Onde está, logo, a jactância? Ficou excluída. Por que lei? Pela das obras? Não; mas pela lei da fé”. Se o homem fosse justificado pelas obras, teria de que se gloriar; mas não há glorificação para aquele que “não obra, mas crê naquele que justifica o ímpio” (Rm 4.5). No mesmo sentido são as palavras que precedem e seguem o texto (Ef 11.4ss): “Deus, que é rico em misericórdia, ainda quando estávamos morto em pecados, reconciliou-nos com Cristo (pela graça sois salvos), para que pudesse mostrar a suprema riqueza de sua graça em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Pela graça é que sois salvos mediante a fé; e isto não vem de vós mesmos”. De vós mesmos não vem vossa fé, nem vossa salvação: são “dons de Deus”; representam livre, imerecida dádiva. A fé, mediante a qual sois salvos, bem como a salvação que Deus, por sua própria boa vontade, por seu mero favor, adiciona a ela, procedem do Senhor. O fato de crermos é um aspecto de sua graça; o fato de, crendo, sermos salvos, é outro aspecto. “Não pelas obras, para que ninguém se glorie”. Porque todas as nossas obras, toda a nossa justiça, anteriores à nossa crença, nada merecem de Deus, a não ser a condenação; tão longe estavam de merecer a fé, que, recebida esta, ela não procede do mérito das obras. Nem a salvação é pelas obras, quando cremos, porque Deus é quem então opera em nós. Deste modo, dar-nos recompensa por aquilo que ele próprio realiza, é gesto que somente pode recomendar as riquezas de sua misericórdia, mas que a nós não nos deixa coisa alguma de que nos possamos gloriar.

4. Falar assim da misericórdia de Deus, salvando ou justificando livremente, só pela fé, não incita, por ventura, os homens ao pecado? Na verdade isto pode acontecer e acontecerá: muitos “continuarão no pecado para que a graça possa superabundar”; mas seu sangue será sobre sua cabeça. A bondade de Deus deve levá-los ao arrependimento: isto acontecerá com os que sejam sinceros de coração, os quais, sabendo que ainda há perdão para eles, clamam com ânsia que desejam também ver canceladas suas culpas mediante a fé que há em Jesus. E se eles realmente clamam sem fingimento; se o buscam por todos os meios que o próprio Deus apontou; se recusam a ser confortados até que venha o Senhor, — “Ele virá e não tardará”. E ele pode fazer grandes coisas em curtíssimo espaço de tempo. Muitos são os exemplos, nos Atos dos Apóstolos, da divina operação da graça no coração dos homens, manifestando-se como relâmpago fuzilando desde os céus. Assim, no mesmo instante em que Paulo e Silas começaram a pregar, o carcereiro se arrependeu e creu, sendo batizado; o mesmo se dera com os três mil, no dia de Pentecoste, que se arrependeram “e creram à primeira pregação de Pedro. E, graças a Deus, ainda há muitas provas vivas de que ele é “poderoso para salvar”.

5. Ainda quanto à mesma verdade, considerada sob outro ponto de vista, levanta-se a objeção contrária: Se o homem não pode ser salvo depois de tudo quanto fizer ou possa fazer, isso o lavará ao desespero. Leva-lo-á, sim, à desesperança de ser salvo por suas próprias obras, seus méritos ou sua justiça. E deve, ser assim, porque ninguém pode confiar nos méritos de Cristo, antes que se tenha negado inteiramente a si mesmo. Aquele que “tenta estabelecer sua própria justiça”, não pode receber a justiça que vem de Deus. A justiça que é pela fé não lhe pode ser dada enquanto ele confiar na justiça que vem da lei.

6. Mas isto, diz-se, é uma doutrina desoladora. O diabo fala coerentemente consigo próprio, isto é, sem veracidade nem pudor, quando ousa sugerir aos homens que seja desoladora a doutrina em questão. É a única tranquilizadora, “cheia de conforto” para os pecadores que se destroem e se perdem. “Aquele que nele crê não será confundido, porque o mesmo Senhor é rico para com todos os que o invocam” Eis aí o

conforto, alto como os céus, forte como a morte! Como! Misericórdia para com todos? Para Zaqueu, um ladrão público? Para Maria Madalena, meretriz vulgar? Parece-me ouvir alguém dizendo: “Então eu, também eu, posso esperar misericórdia!” Podes, sim, aflito, a quem não houve quem confortasse! Deus não desdenhará tua oração. Talvez te venha ele dizer imediatamente: “Tem bom ânimo; teus pecados são-te perdoados”; tão perdoados que eles jamais exercerão domínio sobre ti, e, ainda mais, “o Espírito Santo testificará com teu espírito que és filho de Deus”. Oh! Alegres boas-novas! Boas-novas de grande gozo, enviadas a todo o povo! “Oh! Que todo o que tem sede venha às águas: venha e compre, sem dinheiro e sem preço”. Ainda que teus pecados sejam “vermelhos como o carmesim” e tantos como teus cabelos, “volta para o Senhor e ele terá misericórdia de ti; e para nosso Deus, porque ele te perdoará largamente”.

7. Quando nenhuma outra objeção ocorre, simplesmente nos dizem os opositores que a salvação somente pela fé não deve ser pregada como doutrina capital, ou, pelo menos, não deve ser pregada a todos. Mas, que diz a Espírito Santo? Ninguém pode pôr outro fundamento além do que já foi posto, que é Jesus Cristo”. Logo, a doutrina segundo a qual “todo o que nele crê será salvo” é, e deve ser, o fundamento de toda nossa pregação, isto é, deve ser pregada em primeiro lugar. “Seja assim; mas não a todos”. A quem, então, não devemos pregar? Quem será excluído? Os pobres? Não. Eles têm especial direito à pregação do Evangelho. Os ignorantes? Não. Deus tem revelado essas coisas, desde o começo, aos simples e ignorantes. Os jovens? De modo nenhum: “deixai-os”, de qualquer modo, “vir a Cristo, e não os embaraceis”. Os pecadores? Muito menos. “Ele veio a chamar, não os justos, mas os pecadores ao arrependimento”. Se, entretanto, tivéssemos de excluir alguns, excluiríamos os ricos, os letrados, os homens afamados e de boa conduta. É verdade que estes, de sua parte, se recusam a ouvir; todavia, ainda assim lhes devemos dizer a palavra de nosso Senhor. O teor de nossa comissão no-lo impõe: “Ide e pregai o Evangelho a toda criatura”. Se alguém, para sua própria perdição, falsear ou torcer uma parte dessa palavra, esse tal levará sua própria carga. Mas, ainda assim, “Vive o Senhor que, seja o que for que nos disser, isso mesmo diremos”.

8. Hoje, mais especialmente, diremos que “pela graça sois salvos mediante a fé”: porque a sustentação desta doutrina nunca foi mais oportuna do que no presente. Nada pode mais eficientemente prevenir a expansão do erro romanista entre nós do que a pregação daquela doutrina. Seria um nunca acabar o atacar, um a um, todos os erros, daquela igreja; mas a salvação pela fé corta-os pela raiz e, onde quer que se estabeleça, imediatamente consome tudo quanto de mau houver em torno. A essa doutrina é que nossa igreja mui justamente chama a rocha mais forte e o fundamento da religião cristã, a qual primeiro expulsou o Papismo destes reinos, sendo que somente ela pode mantê-lo à distância. Nada, a não ser essa doutrina, pode opor um dique àquela imoralidade que “invade a terra como um dilúvio”. Podes tu encher gota a gota o grande abismo? Podes então reformar-nos através de admoestações acerca de vícios particulares. Venha, porém, a “justiça que é de Deus pela fé”, e então as ondas orgulhosas serão quebradas e detidas. Nada, senão essa doutrina, pode fechar a boca àqueles que se “gloriam em seu opróbrio e abertamente negam o Senhor que os resgatou”. Podem eles falar tão sublimemente da lei como os que a têm escrita por Deus em seu coração. Ouvindo-os tratar desta matéria, alguém seria tentado a pensar que eles não estivessem muito longe do Reino de Deus: mas, que sejam transportados da Lei para o Evangelho; comece com a justificação pela fé; com Cristo, “o fim da lei para todo aquele que crê”; e os que agora aparecem como mais ou menos, senão integralmente, cristãos, logo se declaram filhos da perdição — tão distanciados da vida e da bem-aventurança (Deus seja misericordioso para com eles!) como o abismo do inferno está longe das alturas do céu!

9. Por esta razão o adversário se irrita todas as vezes que se prega ao mundo a “salvação pela fé”: por esta razão o adversário agitou toda a terra e o inferno, na ânsia de destruir os que primeiro pregaram a “justificação pela fé”. E pela mesma razão, conhecendo que só aquela fé poderia subverter os fundamentos de seu reino, reuniu todas as suas forças e empregou todas as suas artes da mentira e da calúnia para demover Martinho Lutero do intento de reviver tal doutrina. Nem podemos maravilhar-nos disto, porque, como observa aquele homem de Deus, “não podia deixar de irar-se o homem orgulhoso, forte e para ele marcha, tendo nas mãos um caniço”. Esse furor cresce de vulto quando o adversário sabe que essa criancinha certamente o derrotará, colocando-o debaixo dos pés. Em casos tais, Senhor Jesus, tua força

tem sido sempre “aperfeiçoada na fraqueza”!

Vai com coragem, criancinha que crês em Cristo, a sua “mão direita te mostrará terríveis coisas!” Embora estejas desamparado e sejas fraco como um recém-nascido, o homem forte não será capaz de permanecer em face de ti. Tu prevalecerás contra ele, e o subjugarás, e o dominarás, e o porás debaixo de teus pés.

Sob o comando do grande Capitão de tua salvação, marcharás “conquistando e vencendo”, até que todos os teus inimigos sejam aniquilados e “a morte seja tragada na vitória”.

Agora, “graças sejam dadas a Deus, que nos deu a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo”, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, sejam a bênção, a glória, a sabedoria, os louvores, a” honras, o poder, a força, para todo o sempre! Amém.

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 1

- P. 1. (§ 1). Como são comunicadas as bênçãos de Deus?
- P. 2. (§ 1). Tem o homem qualquer direito ao favor divino?
- P. 3. (§ 2). Pode o homem fazer propiciação por qualquer de seus pecados?
- P. 4. (§ 2). Que se diz da árvore corrompida?
- P. 5. (§ 3). Como pode o homem alcançar o favor de Deus?
- P. 6. (§ 4). Que requer Deus do pagão?
- P. 7. (I. 1). Qual é a fé dos pagãos?
- P. 8. (I. 2). Qual é a fé do demônio?
- P. 9. (I. 3). Qual era a fé dos apóstolos, antes da crucificação?
- P. 10. (I. 4). Qual é a fé mediante a qual somos salvos?
- P. 11. (I. 4). Em que difere ela da fé do pagão? Em que difere da fé do demônio?
- P. 12. (I. 5). Em que ela difere da fé que nutriam os apóstolos enquanto nosso Senhor estava sobre a terra?
- P. 13. (I. 5). Como se define a fé cristã?
- P. 14. (II. 1). Qual é a salvação que vem pela fé?
- P. 15. (II. 2). Que salvação foi predita pelo anjo?
- P. 16. (II. 3). Como primeiro se manifestou essa salvação?
- P. 17. (II. 4). Que se segue a salvação da culpa?
- P. 18. (II. 5). Somos também salvos do domínio do pecado?
- P. 19. (II. 6). Como se define essa salvação? Que se diz ao pecado habitual? Do pecado voluntário? De desejos pecaminosos? De enfermidades? P. 20. (II. 7). Qual é o outro nome por que é chamada essa salvação?
- P. 21. (III. 1). Qual é a primeira objeção a essa doutrina?
- P. 22. (III. 2). Essa doutrina se opõe à santidade?
- P. 23. (III. 3). Tente ela a produzir orgulho? Pode ela produzi-lo?
- P. 24. (III. 4). Incita os homens ao pecado?
- P. 25. (III. 5). Leva os homens ao desespero?
- P. 26. (III. 6). É uma doutrina desoladora?
- P. 27. (III. 7). Que se diz, quando já não há nenhuma objeção a ser feita?
- P. 28. (III. 8). Que se diz do erro romanista? Como se verificam os conceitos de Wesley?
- R. Pelo aparecimento e continuação da Controvérsia Tratariana em Oxford, resultando na passagem de muitas pessoas para a Igreja Romana, há uns cinquenta anos.
- P. 29. (III. 9). Como se opõe o adversário a essa doutrina?